



## A MÍSTICA VAMPIRESCA NA PASSAGEM AO NOVO MILÊNIO

Ronaldo Lima<sup>1</sup>

Iliane Tecchio<sup>2</sup>

**RESUMO:** Trata-se de estabelecer relações entre as flutuações sócio-culturais, embaladas pela inexorabilidade do tempo e representações decorrentes dos imaginários humanos no culto às entidades transcendentais como os vampiros, lançados às fontes profanas, aos simulacros das interdições. As conceitualizações a respeito do mal encontram nas expressões estéticas os meios para definir traços e configurações intrínsecas às bestas julgadas malignas. Na entrada do novo milênio, à aura pós-moderna e à égide das evoluções científicas e tecnológicas, a mística vampiresca mantém-se viva na tradição ocidental. À ótica de filósofos da linguagem como Barthes (1980, 2002), Lacan (1995), Frege (1978), Davidson (1984), entre outros, propõe-se um percurso para discutir o sucesso da figura do vampiro na passagem ao novo milênio.

**PALAVRAS-CHAVE:** mitos; representações do mal; cultura vampiresca.

**ABSTRACT:** It is regard to establish connections between socio-cultural undulations, inspired by the inexorability of the time and representations that arise from the human imaginary in the cult of transcendental entities like vampires, throw to the profane origins, to the specter of the prohibitions. The conceptualizations about the evil meet in the artistic expressions the ways to define the settings and the intrinsic features related to the beasts judged as evil creatures. In the new millennium, to the postmodern aura and to the auspices of the scientific and technological developments, the vampire mystique is still alive in the Western tradition. In the perspective of philosophers as Barthes (1980, 2002), Lacan (1995), Frege (1978), Davidson (1984), among

<sup>1</sup> Doutorado em Sciences du Langage/Tradução pela Université de Nice Sophia Antipolis (1995). Professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [ronaldolima12003@gmail.com](mailto:ronaldolima12003@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Professora efetiva de língua inglesa na Secretaria Municipal de Ensino de São José – SC. Email : [iliane.tecchio@gmail.com](mailto:iliane.tecchio@gmail.com)



others, it is proposed a way to discuss the success of the vampire in the transition to the new millennium.

**KEY WORDS:** Myths; evil representations; vampire culture.

### 1. Nos passos de Victor Hugo

Sem ser percebida, a criatura, deixa as sombras. Um vulto ligeiro na escuridão, ávido, rumo ao local escolhido. Não errará seu caminho. Move-se por emaranhados de ruas com precisão. Desconhece quaisquer obstáculos. Possui excelentes garras. Se precisar, criará asas como a águia para transpor rios, lagos e montanhas. Possui passaportes em dia e fala todas as línguas. Nada poderá detê-lo.

– Ele se aproxima... !

Sabe o endereço, o andar, o número. Não precisa de chaves. Com gestos elegantes, cumprimenta o porteiro. Sobe pelo elevador. As câmeras não captam sua presença. Tranquilo, abre a porta. Passa, entra. Pega o jornal e se instala confortavelmente. Espreita os movimentos de seu alvo. Respira seu calor. Abre seu *laptop* entra no *facebook* e envia uma mensagem para anunciar sua chegada.

Transformado, vai até o quarto. De assalto, se mostra por inteiro. Mira fundo a íris dilatada de sua vítima. Com voz penetrante, brada:

– Eis-me !

E está feito. Seu algoz está diante de você.

Implacável, levanta delicadamente seu corpo flácido com a força que só o Diabo possui. Acaricia sua tez. Contempla sua beleza. Mas como Roy Batty<sup>3</sup>, ama demais a vida e a luz para lhe fazer qualquer mal.

Sem aviso parte ligeiro, deixando para traz o brilho que o fascina.

---

<sup>3</sup> Roy Batty, violento líder dos replicantes, é uma das personagens do filme *Blade Runner* (1982) de Ridley Scott. A obra se tornou um clássico de ficção científica.



## 2. *Jo no creo, pero que ay ay!*

A narrativa acima se baseia em um poema de Victor Hugo<sup>4</sup> (1802-1885), no qual o poeta adverte sobre as eventuais consequências de se deixar escapar uma palavra desagradável a alguém. Observa que, cedo ou tarde, a declaração encontrará seu destinatário. Em seu trajeto, o dito sofrerá mutações e *rien ne l'arrêtera*<sup>5</sup>. Em contexto, a significação da palavra integrará o sentido do texto, podendo revestir-se de um redingote capaz de gerar graves consequências. Victor Hugo salienta não haver fronteiras capazes de impedir o avanço da declaração, tampouco às metamorfoses que se operam em seu conteúdo, ou ainda as derivas das conceitualizações, representações e interpretações do receptor.

Tal como as palavras, os seres sobrenaturais são abstrações, e como tal, estão sujeitos aos mesmos processos. Não há estanqueidade que possa impedir as evoluções dos imaginários. Mesmo de natureza imaterial, as criaturas do além não se pautam como adornos, artefatos neutros ou inofensíveis. As simpatias ou os horrores que brotarem a partir da evocação das entidades do mal poderá compor realidades possíveis, capazes de afetar tanto o pensamento, quanto ferir o corpo físico.

A mística que envolve o sobrenatural atribui às linguagens estéticas, entre as quais a expressão verbal, o poder de evocar seus referentes. Verbo, imagens, ideogramas, ou demais modalidades semióticas, podem gerar a sensação de aproximação entre os objetos referenciados e seus significantes. Neste sentido, os *a priori* ligados ao poder das crenças, somados à evocação do proibido, concatenaria forças cujo impulso seria suficiente para atrair a presença das criaturas imaginadas. Os poderes político-místicos, que gerenciam a formação psicanalítica do sujeito, pregam que as respostas das entidades do bem dependem de credo irrestrito, da ausência de dúvidas e da participação ativa do orador imaculado. Por outro lado, a evocação das criaturas do mal, na linha das tradições judaico-cristãs, pode se efetivar pela simples enunciação do nome da besta, ou da reprodução de sua imagem.

<sup>4</sup> O referido poema não possui título e nem data. Trata-se de manuscrito traduzido, não publicado. O poema está reproduzido no final deste artigo.

<sup>5</sup> Nada poderá detê-lo (Victor Hugo). Tradução do autor.



- *Diaxo* !

E a criatura do mal poderá surgir ao seu lado, e assim onipresente, talvez se instalar em seu corpo ou colar em sua alma. Mas nem tudo está perdido, pois *Diaxo* não é o nome correto da criatura. A língua, sendo maleável, se curva à manipulação consciente. Adulterando-se o significante, trapaceia-se a intenção subjacente ao verbo articulado. Emerge então a sensação de que é possível também lograr o pensamento através da enunciação contorcida. A imperfeição voluntária aplicada sobre a forma da palavra impede, em sentido leigo e irônico, que o processo se opere. A criatura referida não atenderia ao chamado. A composição, deturpada, excluída dos acordos socialmente compartilhados, faz com que o Diabo permaneça nas trevas, sem buscar àquele que o evocou. Tal visão, equivocada, contraria não somente as premissas saussurianas, bem como os saberes da filosofia da linguagem enquanto ciência. Ao desestruturar a forma da palavra para desfazer as ligações entre as duas faces do signo – significante e significado – anular-se-ia também a referencialidade, bloqueando a comunicação. Não possuindo lugar no conjunto dos componentes normativos, a palavra *diaxo* deixa de compor uma unidade lexical. Será apenas uma sequência de caracteres, ou de sons agrupados, sem denotação ou conotação possível de transmitir uma mensagem. O diálogo com o interlocutor encontrará um ruído gráfico, ou fonético-fonológico, evitando a comunicação com o interlocutor, mas não abolindo a intenção. Obedecendo ao conselho de Victor Hugo, a palavra não será lançada e o mal não será evocado, como se o pensamento pudesse ser contido e o abstrato dominado. Nem vampiros, nem demônios experimentarão os pensamentos sanitarizados.

Frege (1978), Lacan (1995), Davidson (1984), entre outros filósofos da linguagem, discutem as ofertas e *gaps* inerentes às expressões estéticas quando empregadas para <fazer referência à...>. O tesouro lexical das línguas não oferece elementos suficientes para nomear todos os seres, ou enunciar declaração sobre todos os fatos. Nas relações entre pares de línguas, as restrições são ainda mais evidentes. Não há sempre equivalentes ou correspondentes que possibilitariam estabelecer relações biunívocas ou mesmo indiretas entre elementos portadores de significação. Mesmo que existissem estariam sempre sujeitos aos silêncios e às proibições



instauradas nos espaços sociais e culturais. Igualmente, como observa Lacan (1995), a própria linguagem, *large sens*, é incapaz de articular toda a realidade. As verbalizações jamais se prestarão, todas, à tradução. Sempre restarão lacunas, impossibilidades e impedimentos. As denotações, conotações, associações e exemplos utilizados para definir as entradas dos dicionários, o fazem à égide das vertentes culturais e à luz das ideologias. Em relação às criaturas elaboradas para assumir a figura do mal, com efeito, abundam designações. Todavia, a inibição aplicada à elocução de determinadas palavras se sobrepõe a sua existência nas bases de dados compartilhados socialmente. Palavras como *diaxo*, *demo*, ou mesmo *pôxa*, *caramba*, abreviadas, alteradas, buscam ocultar informações julgadas proibidas. Os percursos etimológicos ligados à composição dessa ordem de termos se camuflam a cada compasso diacrônico. As novas formas se cristalizam e instauram traços semânticos que, no entanto, permanecem em estado latente. Conservam, em sua forma e em seu uso, rastros de suas relações gramaticais, semânticas e pragmáticas que denunciam sua origem. *Diaxo* será empregado em situações específicas. Demônios e vampiros não ficarão totalmente em paz. Serão ecos, como quando em uma lagoa de águas adormecidas, você lança uma pedra ao centro e ve ondas se formarem de egrégoras que chegam até a beirada da lagoa e, tudo começa a acordar com a batida, com o eco.

Se, por um lado, as representações ligadas ao bem se protegem à égide das outorgas ditas sagradas, permitindo que suas formas permaneçam inalteradas por centenas de anos, por outro lado, as descrições das criaturas do mal sempre estiveram relegadas à malhação. De forma binária, na tradição ocidental, bem e mal ocuparam pólos opostos até a entrada do novo milênio. As feições antropomórficas de personagens como Abraão, Maomé, Cristo, assim como as de Buda e Krishna, garantiram que seus traços vitruvianos e assepsizados, atravessassem os séculos e sofressem poucas transformações. Contrariamente, parece difícil apontar representações canônicas para os Diabos, Lúceres ou Satanases. Até mesmo personagens de produções literário-cinematográficas, como os vampiros Nosferatu e Drácula possuem várias faces. As conceitualizações e representações das criaturas do mal estão em constante mutação, proporcionalmente às transformações decorrentes das representações culturais. Como na obra



Tintin de Hergé<sup>6</sup> (1907-1983), que se caracteriza pela fidelidade concedida aos universos referenciais, mas que atribui pouca atenção à face do protagonista, o rosto do mal, assim como de seus sucedâneos possui traços opacos ou flutuantes. Há tantas variações da figura do mal quanto há variações nos imaginários. Nenhum estudo taxonômico permitiria categorizar as representações mentais a respeito do mal. Primeiramente, por não se ter acesso direto a elas, em segundo lugar, em razão de suas flutuações inerentes. As representações das criaturas malignas (M) serão tantas, quantos forem os medos e as assombrações produzidos pelo nosso inconsciente. Seria preciso elevar M<sup>n</sup> ao infinito.

### 3. À égide de McLuhan<sup>7</sup>

Na cultura antiga, grega e romana, os deuses desempenhavam suas funções segundo seus desígnios. Possuíam papéis definidos. Porém, como Aquiles, também falhavam. As derivas e imperfeições que aproximavam os Deuses do mundo terreno eram, todavia, explicitadas. Diferentemente, na tradição judaico-cristã, apesar da tendência ao monoteísmo e das atribuições de perfeição às entidades superiores, seus papéis são mal definidos, tornando a compreensão de seus atos um fato político. Por extensão, a tarefa de estabelecer perfis exatos para os atos ligados ao bem ou ao mal não encontra lógica ou explicação convincente. Flutuantes, as configurações atribuídas às fontes dificultam sua interpretação e, por extensão, sua reexpressão. Entidades do bem, sobretudo nas velhas escrituras, foram responsáveis por mais mortes e desgraças do que aquelas praticadas pelas forças do mal (cf. Gênesis 18:16 - 19:38; Atos 12; Coríntios 13). Segundo o velho testamento, o Diabo teria matado dez pessoas, enquanto que somente na destruição de Sodoma e Gomorra milhares de pessoas teriam sido incineradas. A definição dos entes do bem e do mal compõe uma polêmica mais próxima do campo político-partidário do que

<sup>6</sup> Em sua obra Tintin, Georges Posper Remi, conhecido como Hergé, propõe reproduz cenários de modo fidedigno. Todavia, o rosto do protagonista não possui nenhum detalhe saliente. O objetivo de Hergé foi criar a sensação de que o minimalismo permite que cada leitor possa projetar sua face no rosto do herói.

<sup>7</sup> Hebert Marshall McLuhan (1911-1980), filósofo e educador canadense, introduziu as expressões : “aldeia global” e “o meio é a mensagem”. Foi pioneiro no estudo sobre os impactos das novas tecnologias sobre a evolução das sociedades humanas.



da lógica criada para garantir o conforto de um grupo em detrimento de outro. Assim, como traduzir para uma outra língua, isto é, para um outro universo de pensamentos, os sacrifícios realizados em nome do bem, a queda do anjo, ou a aceitação da condição do vampiro quanto a sua incapacidade diante da luz?

Cada entrada de dicionário possui uma denotação. Tal atribuição de significação é, em geral, reforçada por seus antônimos. Entre as duas margens, das quais trata Barthes (2002), uma sensata e outra transgressora, local em que os sentidos flutuam e os axiomas cedem lugar à relatividade dos fatos, se desenvolvem as discussões de vanguarda. As inconsistências são identificadas quando se busca definir, categorizar ou hierarquizar as criaturas, mesmo que simplesmente com base em seus nomes, características e funções. Diabo, Demônio, Lúcifer, Satanás (Apocalipse 12:07), ou Vampiro, Nosferatu, Drácula. De fato, quem são estas entidades? Temos realmente necessidade de imaginar sua existência? De resgatar conteúdos adormecidos no inconsciente?

Segundo Nietzsche (2000), o horror que cultivam as frágeis criaturas diante da presença do monstro, garante sua força. O medo alimenta o monstro e o torna mais forte na medida que cresce. Nesta ordem, as entidades sobrenaturais, consideradas malignas, de certa forma garantem o status de escudo dos abrigos sagrados e de seus guardiões. O Anjo Caído da ordem dos Querubins, “[...] selo da perfeição, plenitude de sabedoria e perfeito em formosura” (Ezequiel, 28:12) um dia sentou ao lado da luz. Por sua ambição, perdeu seu esplendor. Foi privado de seu nome e de sua posição. Amaldiçoado, foi lançado não somente às trevas, mas também para fora das páginas das escrituras<sup>8</sup>. Se naquele espaço diegético, literário, havia praticado menos males que as forças do bem, uma vez lançado às garras do povo foi relegando-o à malhação. Sua imagem foi desfigurada, transformada ao longo da história, contorcida pelas culturas, metamorfoseada pelos sincretismos. Seu papel, no entanto, permanece fundamental para garantir o binarismo que mantém as forças políticas. A culpa que incute a bizarrice decretada, convida à

---

<sup>8</sup> O Concílio de Trento (1545-1563) foi um dos principais movimentos para garantir a fé católica. Personagens como Lilith (Isaias 34/14), por exemplo, mencionada no Antigo Testamento, não encontrariam nenhum espaço nas novas ordens eclesiásticas, nem mesmo seriam transformadas como Lúcifer.



penitência, que conduz à servidão. Na medida em que os traços que definem o bem e o mal se confundem, suas representações também ficam comprometidas. Como em uma profecia possível, *surgirão vampiros vegetarianos, que buscarão preservar a vida e que não perderão o controle diante do sangue humano.*

O Anjo Caído, o poderoso Querubim, transformado em Diabo, passa então a ser responsabilizado pelas desgraças no contexto ocidental, judaico-cristão. Empréstos seus traços a entidades diversas, integrando também seus conceitos. A partir de então, humanos ou animais que apresentam traços atribuídos às criaturas do mal serão condenados aos julgamentos. Formas físicas variantes, características psicológicas ou atos julgados profanos, serão proibidos e aniquilados. Templos e imagens serão destruídos por serem considerados heréticos. As desgraças e as mazelas serão atreladas às ordens do mal. O *syllabus* consistirá em *aniquilar o que é imperfeito* (Corinthios 13).

#### 4. A maldição está entre nós

Alguns vivem separados do corpo físico, outros estão condenados a habitar carcaças marcadas e amaldiçoadas. Os demônios agem de corpo presente ou somente como experiências provocadas por seu espírito maligno. Encarnados ou não, vislumbram um só objetivo: semear as desgraças. A personagem Aquiles de Homero, continuará sendo louvada como heróica, apesar dos versos explicitarem que suas estratégias de guerra não eram muito diferentes daquelas adotadas por Vlad Tepes, o Príncipe Drácula:

*Cante para mim, oh Musa Divina, de Aquiles, filho de Peleu  
a ira funesta que trouxe aos gregos infinitos sofrimentos  
que muitas almas fortes de heróis a Hades jogou,  
corpos abandonados laçados aos cães e às aves  
(assim se cumpriu a vontade de Zeus),  
momento em que se separaram, por desavenças acirradas,  
Agamenon, rei dos povos, e o glorioso Aquiles.”*



(Tradução do autor, a partir da tradução de Vincenzo Monti).

De forma similar, muito se questionou a respeito das restrições impostas aos palestinos, aos heróis do Vietnã e do Camboja. Mais recentemente, sobre as retaliações que recaem sobre as populações civis no Iraque e Afeganistão. A ideia de quem representa o bem e quem representa o mal se confunde com os interesses políticos, militares e econômicos. Wernher von Braun<sup>9</sup> se tornou um dos heróis do programa espacial, enquanto Josef Mengele<sup>10</sup> continuou sendo “o Anjo da Morte”. Josef Mengele se tornou um verdadeiro vampiro à ótica das definições de seu tempo.

Os traços que compõem a figura do mal, a partir da era moderna já não provêm do meio rural: lobos, morcegos, ratos, pulgas, moscas. Já nas décadas finais do século XIX, o vampiro de Bram Stoker cobre-se da aura gótica. Refinado, cultivado e elegante, posteriormente é lapidado no cinema por sua caracterização aliada à atuação de Béla Lugosi<sup>11</sup> (1882-1956). Até 1968, os diversos vampiros do cinema tampouco assumem as fragilidades atribuídas ao Anjo Caído nas tradições judaico-cristã: hemofílico, desfigurado e frágil. Na linha de McLuhan, o vampiro moderno e pós-moderno se desloca nas avenidas da era industrial. Parte das montanhas do interior e segue para as planícies dos centros urbanos. O vampiro moderno se aproxima novamente do Lúcifer do Velho Testamento. Portador de Luz: *lucem ferre*. Mantém fortes relações com o Anjo Caído, assumindo outras faces. Uma delas a de Nosferatu, ou Drácula, em parte mesclado com os imaginários a respeito de Vlad Drácula, o príncipe da Transilvânia, conhecido pelas atrocidades que cometeu durante seu reinado no século XV.

As personagens inspiradas na obra de Bram Stoker, levadas às telas do cinema, assumem traços de bestas temidas durante um período rural. O vampiro romântico, gótico, que buscou romper com padrões conservadores que antecederam o Século das Luzes, recebe sangue novo,

<sup>9</sup> Wernher von Braun (1912-1977), cientista alemão e um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento de foguetes na Alemanha nazista. Levado para os Estados Unidos após a Segunda Grande Guerra, foi considerado herói do programa espacial americano.

<sup>10</sup> Josef Mengele (1911-1979), médico alemão durante o regime nazista, recebeu o apelido de Todesengel, “O Anjo da Morte”.

<sup>11</sup> O filme *Drácula* de 1931, com Béla Lugosi, foi dirigido por Tod Browning e produzido pela Universal Studios. Se tornou um dos principais filmes sobre a personagem e lançou uma imagem quase canônica do vampiro.



revitalizado com os movimentos pós 1968. Na primeira década do novo milênio, os membros da nova linhagem retomam o gótico. Tornam-se ecologicamente corretos, capazes de ignorar o sangue humano fresco. Até mesmo o erotismo atribuído à criatura andrógina ocupa patamar secundário nas representações atuais. A androginia e o hibridismo já não significam protesto, pois estão expostos diariamente na internet, nas redes sociais, nas emissoras abertas. O vampiro moderno tampouco teme a água benta ou o crucifixo. Entram sem timidez nos templos religiosos, confundindo-se com os mortais. Na linha de Lugosi, são bonitos, jovens, sedutores e ricos. Possuem localizador gps, cartão de crédito e laptop. Resgatam parte da aura romântica dos vampiros do final do século XIX, sem necessariamente sofrer com a solidão, lutar contra a hemofilia ou com a feiúra, pois convivem em família, se alimentam de frutas e insetos, são extremamente belos, com capacidade para amar e serem amados. Retomam igualmente a honra e o poder dos heróis clássicos de Homero e Virgílio, por serem fortes e guerreiros. O vampiro do século XXI se inspira no glamour de Lilith e na força da Lamias. Fascinam toda uma geração de adolescentes aparentemente sem heróis ou ídolos políticos.

### **5. Considerações finais**

Os mitos humanos, outrora guerreiros e líderes de revoluções, passaram a ser eleitos no twitter. Os vampiros modernos entram em nossas casas pelas telas de Led em formato *blue ray*. Estão totalmente integrados às novas técnicas da computação gráfica e à cultura globalizada. Na perspectiva de Barthes (data), naturalmente por analogia, não são nem sensatos, nem transgressores. Vivem entre as duas margens. Local de prazer e de contemplação das expressões estéticas. Neste caso, virtuais. Emergem das discussões filosóficas do novo milênio e surgem como resposta aos anseios sócio-culturais das gerações que não encontram neles nem o mal e nem o bem, mas a necessidade de relativizar as realidades através de suas imaginações, frutos, provavelmente de conflitos de identidade, gerados da necessidade de pertencer a um determinado grupo social, de não se sentir como um estrangeiro no meio da multidão. Diante das possibilidades oferecidas pelas manipulações informáticas, que criam realidades outrora impossíveis, o vampiro moderno parece se aproximar dos ideais das gerações que apontam no



novo milênio. Os vampiros descumprem seu papel icônico anterior ao século XXI para assumir, como os morcegos, sua posição na cadeia natural, na qual não há algozes e nem vítimas.

### Anexo

Poema de Victor Hugo (sem título)<sup>12</sup>

Jeunes gens, prenez garde aux choses que vous dites.
'Tout peut sortir d'un mot qu'en passant vous perdiez.
'Tout, la haine et le deuil ! - Et ne m'objectez pas
Que vos amis sont sûrs et que vous parlez bas...
Ecoutez bien ceci :
Tête-à-tête, en pantoufle,
Portes closes, chez vous, sans un témoin qui souffle,
Vous dites à l'oreille au plus mystérieux
De vos amis de coeur, ou, si vous l'aimez mieux,
Vous murmurez tout seul, croyant presque vous taire,
Dans le fond d'une cave à trente pieds sous terre,
Un mot désagréable à quelque individu ;
Ce mot que vous croyez que l'on n'a pas entendu,
Que vous disiez si bas dans un lieu sourd et sombre,
Court à peine lâché, part, bondit, sort de l'ombre

<sup>12</sup> Tradução do autor Ronaldo Lima.



!
Tenez, il est dehors ! Il connaît son chemin.
Il marche, il a deux pieds, un bâton à la main,
De bons souliers ferrés, un passeport en règle ;
– Au besoin, il prendrait des ailes, comme l'aigle
!
Il vous échappe, il fuit, rien ne l'arrêtera.
Il suit le quai, franchit la place, et caetera,
Passe l'eau sans bateau dans la saison des crues,
Et va, tout à travers un dédale de rues,
Droit chez l'individu dont vous avez parlé.
Il sait le numéro, l'étage ; il a la clé,
Il monte l'escalier, ouvre la porte, passe,
Entre, arrive, et, railleur, regardant l'homme en
face,
Dit : – Me voilà ! je sors de la bouche d'un tel.
– Et c'est fait. Vous avez un ennemi mortel.

*Tradução do autor Ronaldo Lima.*

Jovens, tomem cuidado com aquilo que dizem.
Tudo pode sair de uma palavra que você deixou escapar.
Tudo, o ódio e o luto ! – E não me digam
Que seus amigos são confiáveis e que você fala baixo...
Escute bem isto:
Entre nós dois apenas, sussurado,
Portas fechadas, na sua casa, sem testemunha



ouvindo,
Você diz no ouvido do mais misterioso
De seus amigos do coração, ou se gosta muito dele,
Você murmura sozinho, acreditando estar quase calado,
No fundo de um porão a trinta pés sob a terra,
Uma palavra desagradável a alguém;
Essa palavra, que você acreditou que ninguém escutou,
Que você pronunciou em um lugar surdo e sombrio,
Apensa lançada, sai correndo, parte, alta, sai da sombra !
Vejam, ela já está lá fora ! Ela conhece seu caminho.
Ela anda, tem dois pés, uma bengala nas mãos,
Excelentes calçados, passaporte em dia;
– Se necessário, criará asas e voará, como uma águia !
Ela escapa, foge, nada poderá detê-la.
Segue o cais, atravessa a praça e <i>et caetera</i> ,
Passa as águas sem barco na estação das cheias,
E segue por um emaranhado de ruas,
Direto à casa do indivíduo do qual você falou.
Ela conhece o número, o andar; ela tem a chave,
Ela sobe as escadas, abre a porta, passa,
Entra, chega, e zombando, olhando o homem na



face,
Diz: – Eis-me ! Eu saí da boca de tal pessoa.
– Et está feito. Você tem um inimigo mortal.

### Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Aula*, tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BATAILLE, Georges. *Documents*. Paris: N° 07, Décembre de 1929.
- BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. “Língua e Ideologia”. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- DAVIDSON, D. *Inquiries into truth and interpretation*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- ECO, Humberto, Org. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. “Poetics today”. In: *Polysem studies*. Tel Aviv: Vol. 11, N° 1, 1990. pp. 9-78.
- FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.
- LACAN, J. *O Seminário IV, A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Hemus, 2000.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006/1916.